

***Imago mundi, imago Christi –
o mappa mundi de Ebstorf e a localização da Germânia imperial na
Geografia simbólica da Idade Média Central***

Prof. Dr. Vinicius Cesar Dreger de Araujo

Centro Educacional Anhanguera - Pós-graduação (Santo André e Osasco)
viniciusdreger@hotmail.com

Resumo

O documento básico de nossa análise é o *mappa mundi* de Ebstorf, obra composta, provavelmente, na primeira metade do século XIII na abadia de Ebstorf, nordeste da Alemanha. Discutiremos as diversas concepções de espaço geográfico presentes neste mapa e o destaque dado nele à representação da Germânia imperial medieval.

Palavras-chave: *mappa mundi*, representação espacial, Germânia imperial medieval.

Abstract

The basic source of our analysis is the Ebstorf's *mappa mundi*, a work done probably in the first half of the thirteenth century in the abbey of Ebstorf, northeastern Germany. In this paper, we will discuss the different conceptions of geographical space presented in this map and the prominence given to the representation of medieval imperial Germany in it.

Keywords: *mappa mundi*, spatial representation, medieval imperial Germany.

1 Introdução

Analisar as concepções de espaço na Germânia medieval não é tarefa simples, tanto pela diversidade de povos envolvidos (na Germânia continental – Europa Centro-ocidental, na Germânia insular – Inglaterra e na Germânia peninsular – Escandinávia), quanto pela enorme abrangência temporal inclusa na ideia de “período medieval”. Portanto, coube-nos fazer um recorte preciso para efetuar a análise. Assim, escolhemos como objeto de nosso estudo o conhecido mapa-mundi de Ebstorf, produzido na Saxônia na primeira metade do século XIII. Embora seja considerado como uma das grandes obras artísticas centromedievais e uma verdadeira enciclopédia pictórica de diversos tipos de conhecimentos do período, nos concentraremos na análise das concepções do espaço geográfico contidas na obra, tratando rapidamente do riquíssimo acervo de elementos fantásticos presentes no mapa.

Em primeiro lugar é necessário discutirmos o próprio conceito de mapa para os medievais. Como muito bem lembrou Paulo Roberto Soares de Deus:

Quando os medievais pretendem se referir a uma representação gráfica do espaço, utilizam palavras que significam desenho ou pintura. A expressão *mappamundi* (mapa-múndi) pode ser traduzida como tecido do mundo, tanto no sentido da matéria que o recobre e o revela (revela sua forma) quanto ao material utilizado para dar suporte ao desenho. De modo geral, os *mappaemundi* inseriam-se em *imagines mundi*, textos que descreviam a Terra, suas partes e história. (...) Um *mappamundi* é um reflexo, uma *imago* do mundo, que captura sua forma, como um manto captura a forma de seu portador e o espelho a do objeto a que se expõe. A forma existe em potência, mas só é percebida quando apresentada em ato, ou seja, quando se constitui em *imago*. A descrição cartográfica do mundo realizada pelos medievais é mais bem descrita como uma *imago mundi*. Seus mapas, ou suas representações gráficas, devem ser entendidas como *formae mundi* (formas do mundo) (Deus 2005: 36-37).

Os mapas-múndi medievais, produzidos por monges que realizaram votos de não viajar, não tinham como propósito a navegação. Consequentemente, a acurácia científica, alicerce da moderna cartografia, era irrelevante. Ao invés disso, os mapas medievais objetivavam ajudar sua audiência essencialmente monástica a entender seu lugar no mundo. A despeito de sua “falta” de precisão científica – “defeito” apenas se esta fosse a sua função – estes mapas foram tremendamente influentes, até mesmo além do Renascimento.

O pensamento geográfico e sua expressão escrita no período centromedieval foram pesadamente influenciados por obras da Antiguidade Tardia, tão complexas e multifacetadas quanto as obras historiográficas do período, como exemplificado pelo *De nuptiis* de Martianus Capella, pelas *Origines* de Isidoro de Sevilha e pela obra do anônimo Cosmógrafo de Ravena. Contudo, na ausência de uma disciplina geográfica formalmente definida, as *imagines mundi* foram enquadradas nos moldes literários providenciados por diversos gêneros diferentes. Obras exegéticas e poéticas, hagiográficas e retóricas, todas incorporaram temas geográficos e se tornaram meios indispensáveis para a transmissão do conhecimento geográfico. (Merrills 2005: 310)

Mas foi na historiografia que o pensamento geográfico medieval encontrou seu nicho. A longa descrição do mundo que abre a *Historia* de Orósio no século V é uma das composições geográficas mais influentes do período pós-romano e estabeleceu um precedente para a inclusão de tais prefácios nas obras historiográficas cristãs, sendo que

a geografia descritiva se tornou uma ferramenta tão essencial ao historiador quanto à própria história narrativa. A imagem de Orósio do mundo como uma *oikoumene* cristã foi imensamente influente durante o milênio posterior à sua morte, como perfeitamente demonstrado pelo mapa de Ebstorf, no qual o mundo é, literalmente, a vestimenta de Cristo.

O enriquecimento das *formae mundi* ocorreu de forma paulatina, através da soma de diversas novas fontes ao cabedal de conhecimentos geográficos, culminando nos mapas de Ebstorf e Hereford.

1.1 O mapa de Ebstorf: histórico, descrição física e atribuição de autoria

Este mapa foi descoberto em 1830 na abadia beneditina de São Miguel em Ebstorf, próximo a Brunswick e Lüneburg, na Baixa Saxônia, onde teria sido, possivelmente, utilizado como retábulo do altar provavelmente com a intenção de instruir e de gerar meditações pias sobre os infindáveis milagres moldados por Deus. Quinze anos depois se tornou posse da Associação Histórica da Baixa Saxônia (*Historisches Verein für Niedersachsen* ainda hoje existente e que pode ser contatada através de seu website: <http://www.historischer-verein-niedersachsen.de/>) sediada em Hannover, onde permaneceu até 1888. Então foi removido para restauro em Berlim, momento em que foi dividido em trinta folhas de pergaminho, descrito e fotografado.

Originalmente, o mapa completo media 3,58m x 3,56m, sendo o maior mapa-mundi medieval registrado. Como se pode notar, algumas partes já haviam desaparecido antes deste restauro. Infelizmente, o mapa original foi destruído por um bombardeio aliado contra Hannover em 1943, mas não antes que fossem feitas novas fotos e reproduções. Destas, se destacam, a realizada por Ernst Sommerbrodt (1841) em Hannover e Konrad Miller (1896) em Stuttgart, que hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Paris, Departamento de Cartas e Planos, sob a referência Ge AA 21 77 (Ribeiro 2007: 82).

Tipologicamente, o mapa de Ebstorf pode ser considerado como um mapa complexo. Estes mapas mostram, de forma estilizada, detalhes costeiros, montanhas, rios, cidades e províncias. Alguns incluem figuras e passagens históricas, bíblicas e mitológicas, além de plantas, animais e raças exóticas oriundas de textos clássicos. Eles não eram compostos com a finalidade de serem utilizados como auxílios práticos à orientação e nem tinham a pretensão de mostrar proporcionalmente terra e água. Para tanto, nos deslocamentos, eram utilizados os itinerários, que relacionavam os pontos encontrados entre os locais de partida e de chegada, com as distâncias intermediárias, assentados essencialmente na escrita (Deus 2005: 37). Podemos citar como exemplo, o Itinerário de Bourdeaux, escrito em 333 por um anônimo peregrino cristão, sendo que aqui utilizaremos o trecho entre Bourdeaux e Toulouse (Kimble 2005: 05):

De Burdigala (Bourdeaux) a Tolosa (Toulouse)	
Ir até Stomatae (Castres)	VIII léguas
Ir até Senone (Pont de Ciron)	IX léguas
Ir até Vasates (Bazas)	VIII léguas
Ir até Três Árvores	V léguas
Ir até Oscineium (Honeilles)	VIII léguas
Ir até Scotium (Sos)	VIII léguas
Ir até Vanesia	XII léguas
Ir até Auscuis (Auch)	VIII léguas
Ir até a sexta légua	VI léguas

Ir até Hunguvernium	VII léguas
Ir até Buccones (Isle en Jourdain)	VII léguas
Ir até o Templo de Júpiter	VII léguas
Ir até Tolosa (Toulouse)	VII léguas

O *design* tradicional dos *mappaemundi* medievais girava em torno do modelo O-T, no qual a disposição dos continentes no *Orbis terrarum* (também são assim conhecidos), era definida em três partes pelo T, sendo que a metade superior do *orbe* era ocupada pela Ásia (já reconhecida como a maior massa continental por eles conhecida), enquanto que a metade inferior era dividida entre a Europa (à esquerda) e a África (à direita).

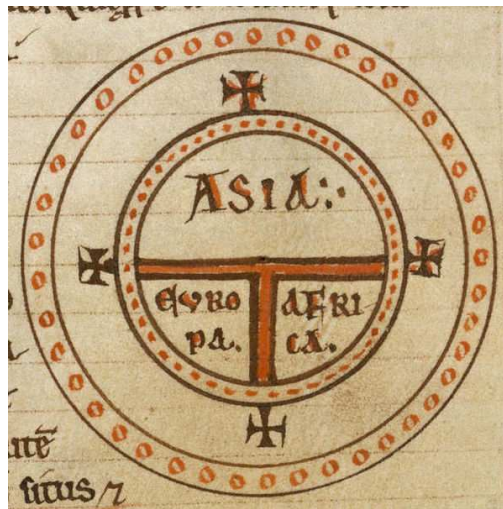


Figura 1: Mapa esquemático O-T em cópia do século 12 das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, preservada na British Library
(Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Diagrammatic_T-O_world_map_-_12th_c.jpg, acesso em 20/05/2012)

Esta divisão respeita a divisão greco-romana dos continentes conhecidos, mas também a divisão assentada pelos exegetas a partir da passagem do livro do Gênesis na qual Noé abençoou seus filhos mais velhos (Sem e Jafé) e amaldiçoou o caçula (Cam) por este último ter zombado da embriagada nudez paterna (Gn 9, 24-27). Os exegetas atribuíram a Ásia ao primogênito Sem, a Europa a Jafé e a África a Cam, o amaldiçoado (talvez por isso o espaço africano esteja repleto de criaturas e raças fantásticas). Um ponto interessante na concepção do mapa de Ebstorf está na distribuição das massas continentais. Mesmo com a ausência do trecho equivalente a parte do extremo norte europeu, percebe-se nitidamente que não existe uma divisão entre Ásia e Europa, ao contrário de tradicionais O-T. Assim, a África foi representada como um semicírculo, muito menor que os outros dois continentes.

A orientação nestes mapas difere da atual, tendo o Leste ao alto, o Sul à direita, o Oeste abaixo e o Norte à esquerda. O mapa de Ebstorf apresenta uma orientação cruciforme, definida pela presença do corpo crucificado de Cristo, com o mapa sobreposto ao mesmo, tal qual uma túnica. Sua cabeça define o Leste, seus pés o Oeste e cada uma de suas mãos o Norte e o Sul, numa clara referência que o mundo está contido no corpo de Cristo, ou melhor, que o mundo É o corpo de Cristo.



Figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução.

(Disponível em: <http://weblab.uni-lueneburg.de/kulturinformatik/projekte/ebskart/content/start.html>, acesso em: 22/05/2012)

Supõe-se que o “autor” deste mapa seja Gervásio de Tilbury, cortesão e depois clérigo inglês que exerceu uma ativa carreira como jurista (formado em Bolonha) e administrador entre 1175 e 1225. Suas extensas viagens pela Europa Ocidental e seu relacionamento com diversos dos mais poderosos monarcas do período providenciaram-lhe experiência e materiais para a obra pela qual se tornou conhecido, os *Otia Imperialia* (Recreação para o Imperador), dedicada a seu último patrono, Otto IV. Sabe-se que era relacionado à família de Patrick, conde de Salisbury (tio de Guilherme Marechal) e passou considerável parte de sua infância e juventude na corte de Henrique II Plantageneta (Tilbury 2002: XXV). Sobre sua carreira, sabe-se que:

- Estudou Direito Canônico em Bolonha e depois ali ensinou por algum tempo.
- Esteve presente na conferência da Paz de Veneza em 1177 entre Frederico I, o papa Alexandre III e o rei siciliano Guilherme II (possivelmente durante o período de sua estadia bolonhesa).
- Passou algum tempo na corte peripatética de Henrique II, viajando pela Inglaterra e domínios franceses dos Plantageneta. Depois esteve ligado à pequena corte de Henrique o Jovem Rei, herdeiro coroado de Henrique II, falecido em 1183.

- Esteve a serviço da corte de Guilherme II da Sicília (genro de Henrique II através do matrimônio com sua filha Joana), falecido em 1189.
- Fez parte da *entourage* de Guilherme das Mãos Brancas, arcebispo de Reims (e tio de Felipe II Augusto de França), até a morte deste em 1202.
- Fez parte também da *entourage* de Imbert, arcebispo de Arles, provavelmente em algum momento da década de 1190.
- Em 1198 foi nomeado marechal imperial do reino de Arles e Borgonha por Otto IV (filho de Henrique o Leão e neto de Henrique II Plantageneta) até a queda deste em 1214.
- Em 1214, Gervásio foi nomeado reitor da abadia de Ebstorf, onde veio a falecer por volta de 1228. Porém, existem uma série de argumentos que questionam que um mencionado “Gervásio de Ebstorf” seja, de fato, Gervásio de Tilbury. (Tilbury 2002: XXVI-XXXVIII).

Gervásio de Tilbury, como já mencionado, é conhecido como autor dos *Otia Imperialia*, obra de caráter histórico-geográfico-mitológico, composta por três volumosas partes. O livro I é um relato bastante convencional de exegese do Gênesis bíblico até o Dilúvio. O livro II, por sua vez, está dividido em duas partes: na primeira o autor faz uma descrição geográfica das diferentes partes do mundo e a enumeração de suas províncias. Na segunda parte, ele faz a crônica de seus povos, uma descrição da Terra Santa e o relato das seis eras do mundo. Finalmente, o livro III é dedicado à coleção de maravilhas e portentos (embora estes apareçam esporadicamente nos livros anteriores).

Para compor seus relatos, Gervásio compilou dados de uma miríade de fontes, dentre as quais se pode destacar: o *Evangelho de João*, os *Atos dos Apóstolos*, diversos textos apócrifos e pseudo-epigráficos, o *De imagine mundi* de Honorius Augustodunensis, a *Historia scholastica* de Pedro Comestor, as obras de Paulo Orósio, as *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, Pomponius Mela, a *Chronica* de Eusébio de Cesaréia (em sua tradução latina realizada por Jerônimo), Paulo Diácono, Fredegário, Geoffrey de Monmouth (*Historia regum Britanniae*), Virgílio, Ovídio, Lucano, Agostinho, Sidônio Apolinário, Gregório Magno, Beda, Euquério de Lyons, Pseudo-Metódio, Pseudo-Calístenes, Gregório de Tours, Rábano Mauro, Cláudio de Turim, Walafrid Strabo, Pseudo-Turpin e Hugo de Fleury, além de demonstrar (não se sabe se através de contato direto ou indireto) conhecimento de obras de Platão, Aristóteles, Lucrécio, Salústio, Horácio, Plínio o Velho, Juvenal e Claudiano (Tilbury 2002: XLIII).

Em adição a estas fontes confirmadas, o autor também demonstra similaridades com alguns escritos correntes em sua época, como os de Johannes de Würzburg (cerca de 1165) sobre a Terra Santa, Adam de Bremen (cerca de 1072) sobre o Noroeste da Europa, a anônima *Carta do Preste João das Índias* (cerca de 1165), proveniente da Chancelaria Imperial, sobre a Ásia e vários relatos dos séculos XI e XII, como os relacionados às viagens de São Brandão da Irlanda.

Contudo, o mapa geográfico que este manuscrito deveria conter, desapareceu. É possível, embora não confirmado, que o mapa de Ebstorf possa ser este mapa. A data presente no mesmo é incerta: 12_4, deixando assim espaço para muita especulação, embora a maior parte das autoridades concorde que a data mais provável faça parte da primeira metade do século XIII.

Embora a intenção principal de seu uso fosse demonstrar os eventos históricos da vida cristã – por exemplo, os supostos túmulos de Marcos, Bartolomeu e Tomé,

segundo os Atos dos Apóstolos, são mostrados – o autor também tem alguns usos práticos em mente, conforme ele mesmo diz claramente no canto superior direito do mapa, ele escreve: “pode-se ver que (esta obra) não é de pouca utilidade para aqueles que a veem, dando direções para viajantes e as coisas que, no caminho, mais agradavelmente podem deliciar seus olhos” (Kugler, vol. 1, 2007: 125).

Pode ser encontrada nas legendas do mapa a tradicional proclamação cartográfica de Júlio César : “Como Júlio César primeiro construiu (um *mappamundi*), para toda extensão de toda a terra, enviando legados para coletar informações das regiões, províncias, ilhas, cidades, areias movediças, pântanos, planícies, montanhas e rios, como se para ser visto em uma página” (Kugler, vol.1, 2007: 193). Também foi herdada dos autores clássicos a já mencionada divisão do mundo em três partes e os doze círculos traçados no oceano cósmico que envolve os continentes – os lares dos doze ventos (dos quais onze sobreviveram na imagem).

Antigas técnicas romanas influenciaram a estrutura do mapa. Assim como os já mencionados itinerários, ele coloca coisas e lugares na ordem aproximada em que os viajantes os encontrariam, a despeito de seu exato distanciamento. O mapa bebe, principalmente, em fontes cristãs como as Escrituras, os Pais da Igreja, as hagiografias e todos os elementos desta magnífica sinopse da cosmografia medieval inicial são encaixados no horizonte cristão em uma clara vinculação à tradição orosiana.

O emprego de fontes coevas resultou em algum grau de acurácia na representação de detalhes em áreas da Palestina e da Europa, ocupando mais do que o espaço que tradicionalmente lhes era reservado. Como resultado, o continente africano não pôde ser alocado em seu quadrante tradicional e foi estendido em direção ao leste, deslocando parte da Ásia. Mas, em relação à totalidade do mapa, estas influências são mínimas e predomina a imaginação religiosa medieval. Portanto, como veremos na descrição do mapa a seguir, encontramos lugares e nomes que refletem a tentativa do cartógrafo de interpretar em imagens os relatos sobre lugares distantes e povos estranhamente deformados.

2 Descrição ilustrada do mapa

Seguiremos nesta seção a orientação tradicional dos mapas O-T, analisando em primeiro lugar a Ásia, depois a África e a Europa, concluindo com uma visão da representação da Germânia imperial.

2.1 Ásia

A representação da Ásia se estende da Terra Santa à Taprobana (Sri Lanka). Exibida de forma proeminente no centro do mapa está Jerusalém, o local da redenção dos seres humanos, mostrando Cristo se erguendo triunfalmente da tumba. A cidade não possui outros atributos, seu valor encontra-se no fato de ser o palco da Salvação e da promessa da ressurreição.



Figura 3: Jerusalém e o Cristo ressurrecto
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

Deste ponto em diante o continente se estende em direção ascendente, isto é, ao leste, rumo ao Sol Nascente e à cabeça de Cristo, com todas as suas maravilhas. Aqui, inacessível por trás de imponente cadeia montanhosa, está o Jardim do Éden, com a Árvore da Vida, a Árvore do Conhecimento e os quatro rios do Paraíso, conforme Gn 2, 10-14:

Um rio saía do Éden para regar o jardim, e dividia-se em seguida em quatro braços. O nome do primeiro é Fison, e é aquele que contorna toda a região de Evilat, onde se encontra o ouro. O nome do segundo rio é Geon, e é aquele que contorna toda a região de Cush. O nome do terceiro rio é Tigre, que corre ao oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.

Abaixo do Éden encontram-se o vale do Ganges e seus onze afluentes, correndo por uma luxuriante paisagem. À esquerda e abaixo do Éden, está localizada a terra dos Seres (China), também cercada por montanhas, embora fora deste espaço fechado, possamos ver dois de seus nativos recolhendo bichos-da-seda, matéria-prima de seu artigo comercial mais procurado. Na parte superior do vale do Ganges, a Índia exhibe uma de suas inúmeras curiosidades, um membro da pacífica tribo dos Astomi, que não possuem boca, mas subsistem apenas da inalação da fragrância de maçãs (Friedman 2000:11), oriundos da obra de Plínio, o Velho.

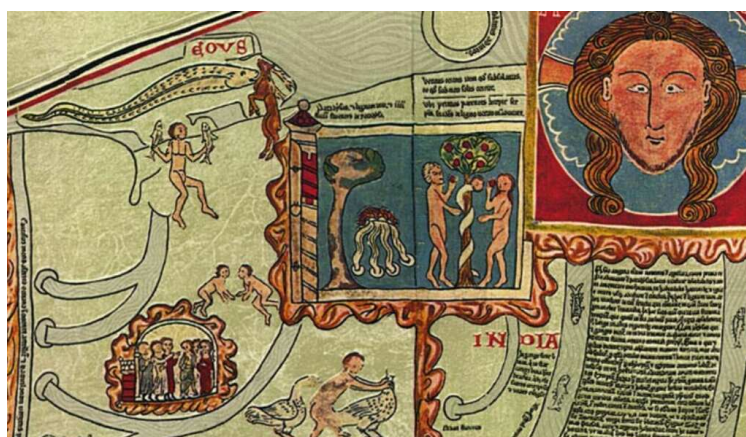


Figura 4: O extremo-leste: A cabeça de Cristo, o Éden e a China (à esquerda)
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

A concepção de “Índia” na tradição geográfica antiga e medieval distingue não uma, mas três “Índias”: “a Índia ultra-gangética, o território que medeia entre o Indo e o Ganges e uma terceira Índia, ocidental, que em certas cosmografias chegava a estender-se mesmo até à Etiópia” (Ramos 1998: 128). Devemos acrescentar que a Índia se tornou consideravelmente mais popular a partir de 1165, com a circulação da *Carta do Preste João das Índias*, com diversas versões em Latim, Normando e Provençal oriundas do período em questão.

As semelhanças entre a *Carta do Preste João*, o *Otia Imperialia* e o mapa de Ebstorf, em relação à Ásia são inúmeras, no mínimo provenientes da utilização das mesmas fontes, mas, devido à difusão da *Carta*, não seria improvável que este texto fosse uma das diversas fontes consultadas por Gervásio de Tilbury para a composição de sua obra. Um ponto inexplicado na representação do vale do Ganges no mapa de Ebstorf se encontra em uma ilha próxima ao já mencionado Astomi, abrigando um monarca coroado. Devido à sua localização e ornamentação, esta imagem poderia representar o próprio Preste João.



Figura 5: Astomi (à esquerda) e o possível Preste João (ao centro).
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

À direita, próximo à cabeça de Cristo, estão as duas Árvores da Profecia, sob as quais Alexandre o Grande é visto consultando o Oráculo do Sol e da Lua. Abaixo pode ser visto um membro dos Gymnosofistas (os filósofos nus, embora aqui o cartógrafo tenha decidido retratá-lo vestido), contemplando o Sol com olhar fixo. Provavelmente se tratando dos Naga Sadhus, os Santos Nus, devotados a Shiva. Foram mencionados pela primeira vez por Plutarco, em sua *Vida de Alexandre*. Acima à direita, está a terra dos Prasii, tão numerosos quanto as papoulas no campo que servem como seu emblema.

Os Prasii, citados pela primeira vez por Diodoro da Sicília (17,93, Curt. 9,2,3 in: Karttunen 2012), eram o povo mais poderoso da Índia Oriental na época de Alexandre e de seu território surgiu o império Maurya, que conquistou o noroeste da Índia aos sátrapas ali deixados por Alexandre.

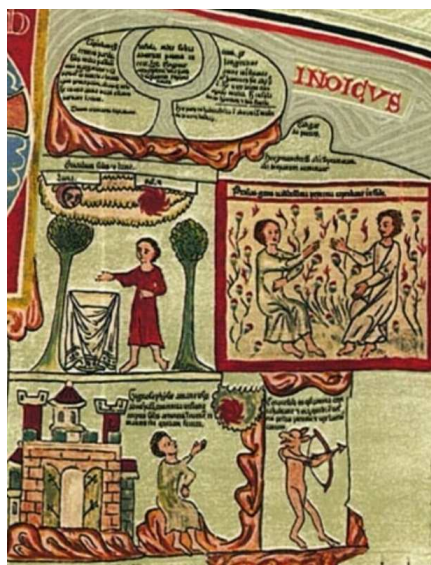


Figura 6: No alto, a Taprobana (Ceilão), depois as Árvores da Profecia, a terra dos Prasii e o Gymnosofista

(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

Uma extensa área da Ásia setentrional está cortada pela pronunciada curva do Cáucaso. Sua principal característica é o território que se projeta como um retângulo para o oceano cósmico. Esta é a prisão dos aterrorizadores povos antropófagos de Gog e Magog. As linhas acasteladas indicam as muralhas que teriam sido construídas por Alexandre para aumentar a segurança deste aprisionamento.



Figura 7: Os povos de Gog e Magog

(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

Vejamos sua descrição presente na *Carta do Preste João*:

Temos outros povos que somente se alimentam de carnes, quer de homens, quer de animais brutos e disformes, os quais não temem a morte. E quando alguém entre eles morre, tanto os parentes como os estranhos o comem com muita avidez, dizendo: “Sacratíssimo é comer carne humana”. Os nomes deles são estes: Gog e Magog, Amic, Agic, Arenar, Defar, Fontineperi, Conei, Samantae, Agrimandi, Salterei, Armei, Anofragei, Annicefelei, Tasbei, Alanei. A esses e a muitos outros povos, o jovem Alexandre Magno, rei dos Macedônios, enclausurou, entre altíssimos montes, para o lado do Aquilão. A esses, quando queremos, conduzimos contra os nossos inimigos, e é-lhes

permitido pela Nossa Majestade devorá-los, não restando nenhum homem, nenhum animal que, imediatamente, não seja devorado. Uma vez devorados os inimigos, reconduzimo-los, porque, se daí voltassem para junto de nós, todos os homens e todos os animais que encontrassem os devorariam. Estas nações, como efetivamente o profeta profetizou, não se apresentarão a juízo, devido às suas abominações, mas Deus lançará sobre elas o fogo do céu, de tal maneira que serão consumidas e delas não restarão nem sequer as cinzas (Ramos 1998: 59 e 61).

Pouco abaixo e em direção oeste, o cartógrafo posicionou a terra das Amazonas, guardada por duas rainhas valorosamente armadas. No noroeste do mapa, sob a mão direita de Cristo, estão os altares flamejantes que Alexandre construiu para marcar a extremidade setentrional do mundo, conforme conhecido pelos antigos. À direita, a partir da terra das Amazonas, chega-se à cidade de Cólquida (Colchis) no Mar Negro; o velocino de Ouro, que Jasão navegou para obter, ainda está pendurado em sua torre. Acima e à direita está o Monte Ararat, identificado pela arca encalhada de Noé em seu topo, com a pomba trazendo o ramo de oliveira.

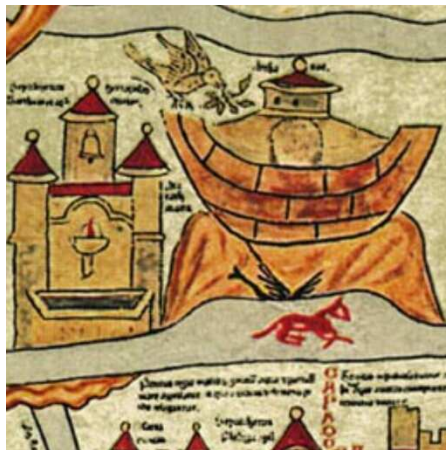


Figura 8: A Arca de Noé encalhada no Monte Ararat.
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

E isso nos traz novamente às regiões bíblicas, com as quais o cartógrafo parece estar bem familiarizado. Abaixo à direita, na Mesopotâmia, está a Torre de Babel, próxima à cidade de Babel/Bagdá. Abaixo dela, próximo a Jerusalém, estão várias localidades mencionadas nas Escrituras e descritas por cruzados e peregrinos que retornavam do Oriente.



Figura 9: No alto a Mesopotâmia (em destaque, a Torre de Babel) e a Caldéia; abaixo a Síria, Judéia, Galiléia, Samaria e Arábia.

(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

De fato, o cartógrafo de Ebstorf teve que aumentar consideravelmente o tamanho da Terra Santa para conseguir incluir todos os pontos de interesse, como Belém e a estrela, as cidades amaldiçoadas de Sodoma e Gomorra, cobertas pelas ondas do Mar Morto (as ondas vermelhas à direita da imagem acima) e o monte Sinai, próximo à Fênix renascendo nas chamas acima do Mar Morto.

2.2 África

Este continente está representado como pouco mais do que um segmento de círculo; suas costas norte e oeste se estendem em uma linha quase reta no sentido Atlântico-Índico, enquanto que suas costas sul e leste descrevem uma curva rasa.

Sua característica principal é o Rio Nilo, ladeado de antigas e famosas cidades, bestas estranhas e homens ainda mais estranhos.

O curso do rio corre primeiro do oeste para o leste, por regiões habitadas por panteras, avestruzes, répteis gigantes e assim por diante. Aproximando-se da extremidade oriental do continente, o Nilo desaparece na areia; mas ele reemerge para fluir na direção oposta através do Egito, primeiro contornando a região de Meroé (habitada por anões que cavalgam crocodilos). Em sua foz estão cidades como Berenice, Leptis Magna e Ocea, ali e através das costas setentrional e atlântica do continente estão concentradas as cidades, deixando o interior livre para as maravilhas. Devemos notar ainda acerca do Nilo que este flui a partir de um lago, nas vizinhanças do Marrocos e próximo ao local onde está o Jardim das Hespérides, incluído como a contraparte pagã ao Paraíso cristão, cercado pela serpente emplumada que é a sua guardiã.



Figura 10: O Jardim das Hespérides
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

Além da costa oeste o cartógrafo posicionou um retângulo vazio para marcar a posição da *insula perdita*, onde São Brandão teria descoberto o que chamou de Paraíso.

Na porção meridional da África pode-se encontrar o mais estranho e maravilhoso sortimento de criaturas: a raça que não conhece o uso do fogo; a raça que não possui boca ou nariz, mas que pode conversar por meio de gestos; gigantes; pessoas com quatro olhos; pessoas cujos lábios superiores são tão grandes que podem ser puxados sobre suas cabeças para protegê-los do sol; trogloditas que cavalam como o vento sobre veados (próximos à mão de Cristo); artobatites que constantemente caem sobre suas faces conforme caminham; homens quadrúpedes; encantadores de serpentes imunes a venenos; cinocéfalos; o centauro Quíron, gigantes que vivem em cavernas e assim por diante. Esta representação da África como berço de seres disformes e monstruosos (talvez como fruto da maldição de Noé sobre seu filho Cam) se tornou bastante popular, estando presente em forma muito semelhante no mapa-múndi de Hereford (c. 1300) e em textos posteriores que precederam ao ciclo das Navegações.

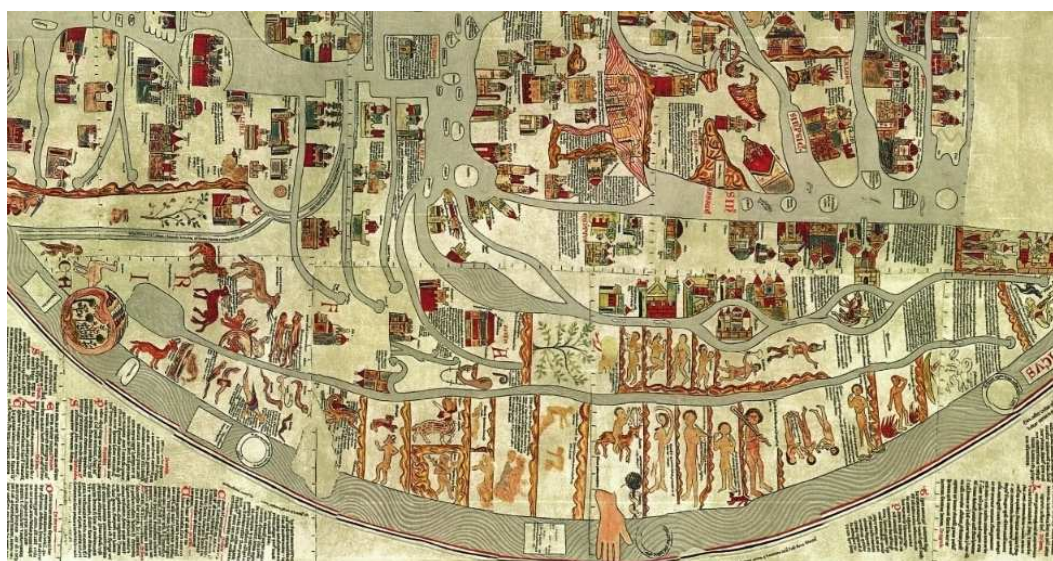


Figura 11: África
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

2.3 Europa

Neste continente mais familiar, não existem as figuras míticas e monstruosas vistas nas regiões remotas da Ásia e da África. Contudo, esta área também recebeu o mesmo tratamento estilizado e generalizante em consideração a qualquer tentativa de exibir litorais reais.

As regiões mediterrânicas, com suas muitas ilhas, embora muito estilizadas, permanecem identificáveis. A região exibida no extremo ocidente é a *Hispania*, seguida pelos Pirineus, em ângulo reto com o rio Ródano e então estendendo-se diretamente rumo ao Atlântico. À esquerda se encontra a *Francia*, terra de muitos rios e cidades, com destaque para Paris e Reims. Em sua costa setentrional estão as ilhas que abrigam *Britannia-Anglia*, *Hibernia* e *Scotia*.

A Itália não apresenta nenhuma de suas formas tradicionais, sendo que sua principal característica, a fervilhante vida urbana, não se encontra devidamente representada, com exceção de algumas poucas cidades, como Gênova, Veneza e, obviamente, Roma, onde sete igrejas (ligadas às sete colinas, talvez?) estão cercadas por uma muralha com dezesseis torres, além da presença de um animal que lembra a escultura da mítica Loba Capitolina, que amamentou Rômulo e Remo.

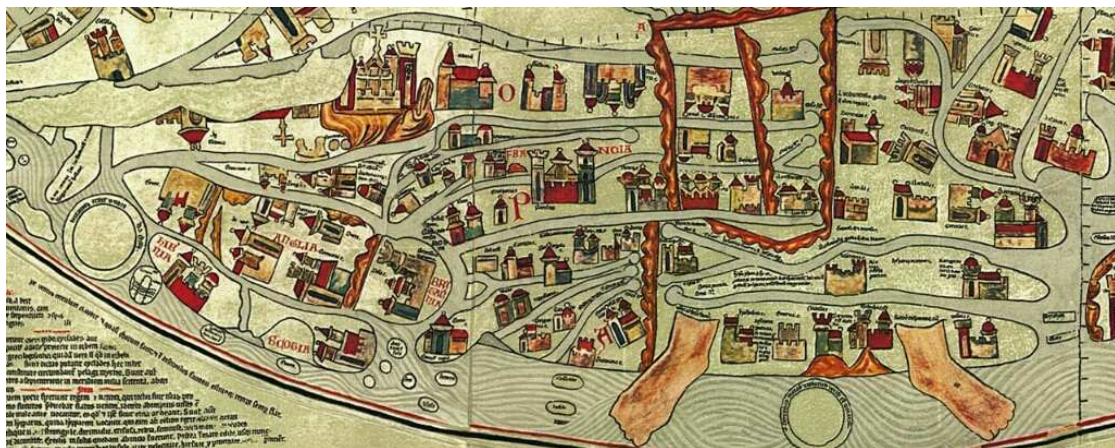


Figura 12: Europa ocidental (França, Ilhas Britânicas e Península Ibérica)
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebtorf, reprodução ampliada pelo autor)

Ao norte de Roma estão assinaladas as províncias que compunham o reino imperial da Itália: *Longobardia*, *Liguria* e *Emilia*. Um ponto interessante está no fato de que Gênova se encontra representada mas não o mar Tirreno.

A Itália meridional está dividida entre Calábria (porção continental) e Sicília (porção insular, inusitadamente representada em forma de coração, ao invés do tradicional formato triangular). As grandes ilhas posicionadas ao sul de Roma devem ser, provavelmente, a Córsega e a Sardenha, ambas domínios imperiais a partir da segunda metade do século XII.



Figura 13: Europa Ocidental – Itália
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)

O cartógrafo posicionou a Grécia entre a Itália e a Terra Santa, porém os Bálcãs foram colocados como contíguos ao leste da Germânia, ao invés do sul da Europa e praticamente não foi dado destaque a Constantinopla.

2.3.1 A Germânia

A Germânia imperial naturalmente recebeu considerável cuidado em sua representação, mesmo seguindo o padrão de estilização utilizado no restante do mapa, porém, com uma diferença fundamental: a inclusão de um grande número de cidades (principalmente sés episcopais) e estabelecimentos monásticos.

O número de cidades, rios e outros dados topográficos da Germânia imperial presentes no mapa de Ebstorf não tem precedentes, superando com folga a soma de todas as presentes no restante do continente. Basta observarmos que nada menos do que sessenta localidades podem ser identificadas com certo grau de facilidade, mas não são todas as presentes no mapa (consultar no anexo a listagem das cidades). Esta abundância de localidades é especialmente verdadeira em relação à sua região nordeste, correspondendo à Baixa Saxônia, região na qual Ebstorf se encontra. Embora existam variações regionais na representação, todos os *regna* componentes do reino da Germânia (Saxônia, Turíngia, Francônia, Lotaríngia, Suábia e Bavária) se encontram representados. “Francia Orientalis” está registrada como nome regional no espaço entre Nuremberg, Bamberg e Forchheim, se referindo não à porção oriental dos domínios carolíngios, mas restrita à província dos francos orientais depois denominada como Francônia. Em obras de autores dos séculos XII e XIII como Honorius Augustodunensis e o próprio Gervásio de Tilbury, a Francônia estava limitada pela Saxônia, Turíngia e Bavária. No mapa, pertencem a ela: Pavemborch (Bamberg), Vochelem (Forchheim), Blassenborch (Plassenburg) e Nurenberch (Nuremberg).

Os muitos rios representados oferecem linhas-guia de orientação; por exemplo: no curso do Main estão Fichtelgebirge e Erfurt; o curso do Naab (que passa por Regensburg) aqui foi retratado fluindo por Passau (no Danúbio). Werceborch (Würzburg) foi levemente desviada do Main que, por sua vez, corre por uma distância

relativamente longa até a junção com o Reno em Mogoncia (Mainz).

Muitas outras localidades são mencionadas no mapa, como Orlamünde, Naumburg, Halla (Hall), Mesna (Meissen), Prague (Praha) e Curia (Chur, no sopé dos Alpes Suíços). Em uma grande curva do Reno podem ser vistos Oberzell, Mittelzell e Niederzell, os três estabelecimentos religiosos da ilha de Reichenau. Ao norte desta, ocorre a formação do Danúbio através da confluência de cinco rios e flui em seu curso, passando por Urbs Salis (Salzburgo), Pattavia (Passau) e Wena (Viena). Uma parte do mapa se perdeu, à esquerda do Danúbio, onde Lübeck e Hamburgo deveriam estar.

A importantíssima região da Renânia também se encontra retratada, porém apresentando apenas suas localidades principais, ao contrário das regiões mais próximas à Baixa Saxônia. Estão presentes, pela ordem, Aachen a capital régia da Germânia, Colônia, Speyer, Mainz e Estrasburgo.

Por outro lado, no canto esquerdo pode-se constatar a concentração de cidades ao redor de Brunswick, a única cidade germânica a não ser representada com uma cidadezinha estilizada, mas por uma peça simbólica, o Leão de Brunswick ou Leão dos Welf. Esta cidade foi a capital do poderoso duque da Saxônia (1139-1181) e Bavária (1156-1181) Henrique o Leão da linhagem dos Welf, primo em primeiro grau, colaborador e depois inimigo do imperador Frederico I de Hohenstaufen, o Barbarossa.



Figura 14: Germânia imperial, destacando Aachen (imediatamente acima), Lüneburg (a grande cidade no canto inferior esquerdo) e Brunswick (representada pelo leão).
(Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebendorf, reprodução ampliada pelo autor)

O leão-símbolo deriva de uma peça tangível e ainda hoje existente, uma escultura em bronze (pesando 880kg e medindo 2,79m de comprimento por 1,78m de altura) que, a partir de 1166, adornava uma espécie de praça entre o palácio ducal de Dankwarderode (onde hoje se encontra preservada) e a catedral de Brunswick. Evidentemente, Henrique o Leão decidiu immortalizar seu apelido de juventude ao erguer este monumento, além de, assim, demonstrar uma verdadeira pretensão de glorificação régia.

Após sua deposição e exílio ordenados por Frederico I em 1181, permaneceram em mãos de sua linhagem apenas as terras próprias (alodiais), pelas quais não deviam homenagens ao Império. Assim, a região da Baixa Saxônia, englobando Brunswick, Lüneburg, a abadia de Ebstorf, Bremen, Verden e Hannover (todas também representadas no mapa), se tornaram o núcleo do novo ducado de Brunswick (ou Brunswick-Lüneburg segundo algumas fontes) oficializado e concedido por Frederico II a Otto o Jovem em 1235 (e mantido por sua descendência até a abolição da monarquia na Alemanha em 1918). Em 1231, a cidade de Brunswick adotou como seu selo oficial uma representação do Leão dos Welf exatamente como representado no mapa.



Figura 15: O núcleo da Baixa Saxônia, apresentando Brunswick no centro, Hannover (imediatamente à esquerda), Lüneburg (acima à esquerda), Ebstorf, Verden e Bremen, entre diversas outras localidades (Detalhe da figura 2: O mapa-mundi de Ebstorf, reprodução ampliada pelo autor)



Figura 16: o Leão de Brunswick no selo da cidade (1231).
(Disponível em: http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Braunschweig_Loewen-Siegel.jpg&filetimestamp=20050520143719, acesso 24/05/2012)

3 Análise

Alguns autores como Beazley (1900:130-141) descartam este mapa como apenas um flagrante exagero da já não científica cartografia medieval. De fato, o mapa de Ebstorf não apresenta inovações seja de natureza geográfica, seja de natureza cartográfica. Como a maior parte dos outros mapas europeus medievais sobreviventes, seu conteúdo não apresenta genuína atitude científica, seus litorais são sempre genéricos; descobertas contemporâneas ou conhecimentos geográficos práticos representam apenas uma pequena parte do todo; e a profusão de ilustrações é, em parte, utilizada para substituir o conhecimento factual de regiões distantes, relativamente desconhecidas. Contudo, visto em termos da intenção do cartógrafo, este mapa realmente demonstra genuíno valor histórico.

Para começarmos, o mapa de Ebstorf é como um romance geográfico em imagens; é compreensível em *design* e admirável em execução, tudo para agir como suporte para a sua preocupação fundamental: o estabelecimento da relação entre este mundo e o Além. O mapa de Ebstorf foi construído sobre uma tradição iniciada com obras como a de Cosmas Indicopleustes e continuada com os mapas de Santo Isidoro, Beato de Liébana, Henrique de Mainz, o mapa do Saltério e continuada com o mapa de Hereford; uma tradição que buscava a propagação da fé cristã.

O cartógrafo de Ebstorf realizou aqui o que escritores medievais anteriores tentaram realizar apenas com palavras, ou seja, descrever a soma total do conhecimento acumulado sobre o *habitat* humano, resultando em uma abrangente enciclopédia visual, embora através do foco relativamente estreito do contexto religioso. Em muitos aspectos ele retrata o mundo como visto por um grande número de europeus medievais:

Talvez em nenhuma outra obra deste período, seja nas artes gráficas ou na literatura, tenha havido uma imagem tão abrangente de todo o mundo medieval apresentada em um espaço tão pequeno quanto neste nosso mapa. Então é muito válido estudá-lo rigorosa e repetidamente e tentar descobrir novos itens até agora despercebidos entre a imensa variedade de suas características (Rosien 1952: 80).

Ao observarmos o mapa, fica claro que a Ásia é interpretada em termos bíblicos

e mitológicos, com exceção do Oriente Médio, cuja proporção de conhecimentos efetivos da região supera a das informações mitológicas. Porém, quanto mais a leste, mais mitológica fica a representação do que existe naquele espaço. Situação análoga se dá com a África, sendo que seu litoral norte (mediterrânico) é representado com informações mais confiáveis, em parte extraídas de fontes antigas em parte de relatos coevos. Porém, quanto mais ao sul, mais desconhecido o território e portanto, representado com uma variedade considerável de humanos monstruosos em seu repertório visual.

Contudo, a Europa é a antítese destas situações, não apresentando animais fantásticos, homens monstruosos ou localidades legendárias. É o espaço do Real, do efetivamente conhecido, como fica particularmente claro na representação da Germânia imperial, desproporcional em relação ao restante do continente.

Como visto anteriormente, a Germânia é representada por grande número de localidades, superando com vantagem as representações de França e Itália. Esta representação dilatada é semelhante à realizada em relação à Terra Santa, posto que se tornou necessário ampliar o espaço para incluir todos os pontos considerados importantes. Por exemplo, a pequena ilha de Reichenau foi retratada com tamanho destaque, que permitiu a representação de seu mosteiro e das outras duas igrejas ali presentes. Numa representação contemporânea (Mapa Michelin da Alemanha, escala de 1cm: 7,5km), a ilha de Reichenau é apresentada tão pequena que não chega a um centímetro.

De fato, no mapa de Ebstorf, a Germânia está coalhada de cidades e estabelecimentos religiosos. Mas ainda assim, existe uma distorção na representação regional. Por exemplo, enquanto que a importantíssima Renânia se encontra representada com Aachen (palácio imperial desde Carlos Magno e declarada capital do reino germânico durante as festividades da canonização do carolíngio em 1165), Colônia (arcebispado), Speyer (bispado) Mainz (arcebispado) e Estrasburgo (bispado), Baixa Saxônia e Pleissenerland (território fronteiriço entre a Saxônia e a Turíngia) se apresentam grande conjunto de localidades das quais podemos destacar na Baixa Saxônia: Lüneburg, Brunswick, Bremen, Verden, Hannover e Paderborn. Já em Pleissenerland, Plassenburg, Altenburg, Freiberg, Chemnitz e Zwickau, entre outras em ambas as regiões.

O destaque dado pelo cartógrafo a Lüneburg e Brunswick é um caso interessante. Ambas foram desenhadas com tamanho considerável, semelhante ao de Aachen e, como sabemos, havia a convenção na arte medieval de que o tamanho de uma figura é diretamente proporcional à sua importância social e política. Aachen, como já mencionado, possuía imensa importância simbólica para a monarquia imperial germânica, enquanto que Brunswick e Lüneburg só possuíam importância regional, sendo que a primeira havia se tornado capital ducal da Saxônia durante o período de Henrique o Leão (1139-1181) e era o centro do ducado de Brunswick (juntamente com Lüneburg). Assim, poder-se-ia dizer que a representação do espaço germânico no mapa de Ebstorf possui implicações políticas ligadas às disputas de poder na Germânia imperial do período 1125-1250, particularmente aquelas entre as linhagens dos Welf e Hohenstaufen.

Poderíamos até mesmo reforçar o caráter partidário adotado pelo cartógrafo, já que Ebstorf (representada ao lado de Lüneburg) se encontrava nos domínios alodiais dos Welf (no período de confecção do mapa, no centro do ducado de Brunswick) e possuía relações especiais de dependência com a linhagem ducal. Podemos também considerá-la

como uma representação prática dos conhecimentos geográficos locais.

Outras evidências internas ao mapa nos permitem contrariar a suposição de que o mapa tenha sido obra direta de Gervásio de Tilbury:

Como vimos inicialmente, Gervásio foi um homem cosmopolita e viajado, passando por diversas cortes conectadas à de Henrique II Plantageneta: sua Inglaterra nativa, a França e a Sicília, além da Germânia. Este é um fator que torna implausível a proeminência do Nordeste da Germânia na composição do mapa, em detrimento de outras áreas que lhe eram tão bem conhecidas quanto a Saxônia. Por exemplo, o formato inusitado da Sicília (de coração ao invés do tradicional triangular), ou a quase ausência de elementos ligados a Arles, tão preponderante em sua biografia e nos *Otia Imperialia*.

A glorificação da casa dos Welf, a quem o cortesão Gervásio de Tilbury tanto devia, não levaria necessariamente à diminuição da importância na representação de outras regiões, já que Gervásio serviu não apenas a Otto IV, mas também a Henrique II da Inglaterra e Guilherme II da Sicília, ou seja, faria mais sentido uma glorificação dos territórios dos Plantageneta e de suas linhagens afiliadas.

A situação apresentada no mapa faz mais sentido quando analisada sob a perspectiva de que os trabalhos tenham sido inspirados ou mesmo parcialmente dirigidos por Gervásio, mas realizados e concluídos por homens que não possuíam seu conhecimento geográfico e experiência, tendo que fiar-se em seus conhecimentos regionais para a representação da Germânia e em fontes literárias cada vez mais fantásticas para representar as regiões mais distantes de Ásia e África.

O conhecimento regional integrado ao mapa de Ebstorf gera um efeito interessante em relação à Germânia: uma semelhança com os já mencionados itinerários, se não indicando distâncias, mas ao menos na ordem de visualização das cidades e estabelecimentos religiosos germânicos a partir do núcleo Lüneburg-Ebstorf-Brunswick, o verdadeiro centro do mapa em termos de sua realização.

4 Considerações finais

Os *mappaemundi* eram símbolos plurivalentes, saturados com significados morais e religiosos cristãos; eram instrumentos devocionais que também registravam informações geográficas e enciclopédicas. Quem quer que tenha composto o mapa de Ebstorf o fez levando em consideração o conjunto de informações disponíveis acerca do mundo no período e de toda a tradição cartográfica medieval para representar tanto a tapeçaria da Salvação (função última do mundo) quanto de modo possível a sua própria parte do mundo em termos, literalmente, geopolíticos.

Sua representação do espaço germânico está, portanto, consideravelmente ligada à sua realidade geográfica e política, em contraste com a representação mitológico-fabulista atribuída à maior parte da Ásia e da África. Os monstros e as maravilhas pertencem ao espaço do desconhecido, enquanto que o cantinho do mundo que representa a Germânia imperial na Geografia simbólica centromedieval, constitui o mais próximo possível, para o período, de uma representação realista de seu espaço e o núcleo duro de informações práticas a partir do qual o restante do mapa foi construído com o uso de informações consideravelmente menos confiáveis.

Bibliografia

- BASCHET, Jérôme. *L'iconographie medieval*. Paris: Gallimard, 2008.
- DEUS, Paulo Roberto Soares de. Condições de produção dos *mappaemundi* medievais, In: *Navigator*, 2, 2005, p. 35-52.
- EDSON, Evelyn. *Mapping time and space: How medieval mapmakers viewed their world*. Londres: The British Library, 1997.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Construção de uma Utopia: O império de Preste João. In: _____. *A Eva Barbada: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 89-108.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. O Conceito de Tempo da Epístola de Preste João. In: _____. *Os Três Dedos de Adão: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 131-154.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As Utopias Medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FRIEDMAN, John Block. *The Monstrous Races in Medieval Art and Thought*. Syracuse: Syracuse UP, 2000.
- GEORGE, Wilma B. *Animals and Maps*. Nova Iorque: Martin Secker & Warburg, 1969.
- HILLIS, Ken. The power of disembodied *Imaginatio*: Perspective's role in Cartography. In: *Geographica*, 31 (3), 1994, p. 01-17.
- <http://weblab.uni-lueneburg.de/kulturinformatik/projekte/ebskart/content/start.html>
- KARTTUNEN, Klaus. "Prasii". In: CANCIK, Hubert & SCHNEIDER, Helmuth Schneider (ed.). *Brill's New Pauly*. Leiden: Brill Online, 2012. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com/entries/brill-s-new-pauly/prasii-e1007650>, acesso: 22/05/2012.
- KIMBLE, George H.T. *A Geografia na Idade Média*. Londrina: Ed.UEL, 2005.
- KUGLER, Hartmut (ed.). *Die Ebstorfer Weltkarte. Kommentierte Neuauflage in zwei Bänden*. Berlim: Akademik Verlag, 2007.
- MERRILLS, A. H. *History and Geography in Late Antiquity*. Cambridge: CUP, 2005.
- PASTOUREAU, Michel. *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Paris: Seuil, 2004.
- RAMOS, Manuel João (ed.). *Carta do Preste João das Índias – Versões medievais latinas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Entre a fonte e o objeto: o estatuto da imagem na História e na História da Arte. In: *Textos de História*, 15, 2007, p. 81-92.
- ROSIEN, Walter. *Die Ebstorfer Weltkarte*. Hannover: Niedersächsisches Amt für Landesplanung und Statistik, 1952.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens – Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: EDUSC, 2007.
- SEBENICO, Sara. *I Mostri dell'Occidente Medievale: Fonti e Diffusione di Razze Umane Mostruose, Ibridi ed Animali Fantastici*. Trieste: Università degli studi di Trieste, 2005.
- TALBERT, Richard J.A. & UNGER, Richard W. (ed.). *Cartography in Antiquity and the Middle Ages – Fresh perspectives, new methods*. Leiden: Brill, 2008.
- TILBURY, Gervase de. *Otia Imperialia – Recreation for an Emperor*. Oxford: OUP, 2002.

Anexo: Listagem das principais localidades presentes ao mapa de Ebstorf.

A) na Germânia imperial: 60

Aachen	Goslar	Orlamünde
Altenburg	Halberstadt	Paderborn
Arbon am Bodensee	Halle	Passau
Augsburg	Hannover	Plassenburg
Bamberg	Helmstedt	Praga
Basel	Henneberg	Regensburg
Bremen	Hersfeld	Reichenau
Brunswick	Hildesheim	Salzburg
Budweis	Kempton	Speyer
Chemnitz	Koblenz	Toul
Chur	Konstanz	Trier
Corvey	Krems	Ulm
Ebstorf	Lüneburg	Verden
Erfurt	Magdeburg	Verdun
Essen	Mainz	Viena
Estrasburgo	Meissen	Wertach
Fichtelgebirge	Metz	Worms
Forchheim	Naumburg	Würzburg
Freiberg	Nienburg	Zurich
Fulda	Nuremberg	Zwickau

B) na Itália imperial e Reino da Sicília: 21

Albano	Milão	Piacenza
Bolonha	Módona	Pisa
Cápua	Pádua	Ravenna
Crema	Palermo	Rímíni
Ferrara	Parma	Roma
Gênova	Pavia	Salerno
Lucca	Perugia	Veneza

C) na França:

Paris, Orleans, Reims, Nantes, Tours, Bordeaux, Boulogne, Troyes, Calais

D) na Inglaterra:

Dover, Londres, Canterbury, Winchester e York